

PENSAR (E FAZER) DE OUTRAS FORMAS

*Thinking (and Doing) Otherwise*DOI: [10.14393/LL63-v35nEsp2019-0](https://doi.org/10.14393/LL63-v35nEsp2019-0)

Simone Tiemi Hashiguti*

Ivani Rodrigues Silva**

Este número da Revista Letras & Letras constitui um Dossiê que, orientado por uma perspectiva Transdisciplinar, reúne textos de cientistas da linguagem, membros do *GT Transculturalidade, Linguagem e Educação*, filiado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), que se propõem a discutir, problematizar e refletir sobre suas bases epistemológicas e a práxis em pesquisa, ensino e extensão. O sintagma *Thinking (and doing) otherwise* foi lançado como um convite aos membros para expor como têm mobilizado suas filiações teóricas, (re/des)territorializado e criado conceitos e agenciado as maneiras de fazer pesquisa. Os ecos teórico-políticos pós e decoloniais, críticos e anti-hegemônicos que resultaram do convite poderão ser lidos nos textos que abordam questões sobre educação linguística, políticas linguísticas, ensino de línguas e literatura, contextos multilíngues, linguagem e multimodalidade, letramento, tradução, migração e formação de professores. Os textos sugerem uma intelectualidade e um fazer acadêmico e educacional outro, compromissado com questões relacionadas à ética nas relações humanas, à visibilização

* Ph.D. in Applied Linguistics (Universidade Estadual de Campinas), Universidade Federal de Uberlândia (UFU). <https://orcid.org/0000-0002-9230-9640>. E-mail: [simonehashiguti\(AT\)gmail.com](mailto:simonehashiguti(AT)gmail.com).

** Ph.D. in Applied Linguistics (Universidade Estadual de Campinas), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9264-5380>. E-mail: [ivanirs\(AT\)unicamp.br](mailto:ivanirs(AT)unicamp.br).

de minorias sociais, ao questionamento constante das lógicas que determinam as identificações e representações de língua e saber.

De fato, o grupo tem como proposta reunir pesquisadores que se interessam em focalizar práticas e discursos não hegemônicos e desvelar estigmas, preconceitos e estereótipos presentes na sociedade brasileira, buscando dar ouvidos a grupos sociais ou povos posicionados às margens. Faz parte dos propósitos do GT, também, contribuir para que o conhecimento produzido possa influenciar o estabelecimento e a consecução de políticas públicas que contemplem grupos sociais e/ou povos em busca de afirmação linguístico-cultural e política. A partir dessas perspectivas, os artigos deste número têm como eixo norteador, direta ou indiretamente, práticas educacionais e práticas de linguagem situadas.

O artigo que abre essa coletânea *Educação crítica, decolonialidade e educação linguística no Brasil e no México: questões epistemológicas e metodológicas traçadas por um paradigma-outro*, de Livia Márcia Tiba Rádis Baptista e Mario López-Gopar retomam a proposta epistêmico decolonial de autores como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Ramón Grosfoguel, dentre outros, para refletir sobre o lócus enunciativo a partir do qual praticamos educação linguística. Fazendo uma crítica à colonialidade e ao conceito de língua moderna que unificou e identificou povos e territórios no projeto de construção dos Estados-nação da modernidade, os autores começam retomando a diferença entre colonialismo e colonialidade. Depois, discutem a racionalidade europeia que foi imposta como universal com seu efeito de ratificação de relações de poder e de dispositivos de controle do saber, da ciência, da economia, da política, da educação, da identidade. Aproximando ideologia, educação e modernidade, questionam, portanto, qual pensamento ou lógica a educação, em países pós-coloniais como o Brasil e o México, tem validado e legitimado em suas práticas. A partir da retomada de exemplos de pesquisas em desenvolvimento ou já desenvolvidas por grupos de pesquisa do Brasil e do México, expõem como “temas-problema”, na expressão de Baptista, têm sido abordados em estudos que deslocam a produção de conhecimento da perspectiva colonial, apontando para uma práxis investigativa desafiadora que contempla a reflexão sobre os contextos sociais e a pesquisa como ação, questionando os processos de invisibilização epistêmicos, a silenciamento e a submissão na ciência, na e através de linguagens.

Se insere nessa mesma lógica de buscar compreensão de sentidos nas práticas de linguagem o artigo *Clampeando o cordão: a maternidade como espaço multissemiótico de(des)construção de sentidos*, de Dalmo Alves Barbosa e Ruberval Franco Maciel. Os autores convidam para um exercício de deslocamento de olhares a partir de uma perspectiva transdisciplinar as experiências de dois pesquisadores, um com formação em Linguística Aplicada e outro em Medicina com o propósito de problematizar o papel da linguagem com o aspecto de humanização na formação médica. O objetivo foi problematizar aspectos de construção de sentidos pautados nos estudos de semiótica social e de letramentos. Para tanto, revisitam a discussão acerca de construção de sentidos, verificando as percepções dos pesquisadores a um contexto bastante específico – sala de parto e centro cirúrgico de uma maternidade – como espaços multissemióticos de construção de sentidos. Ao solicitar um olhar mais sensível ao ambiente hospitalar, incluindo os processos de construção de sentidos na relação entre os profissionais da saúde e pacientes, os autores chamam a atenção para fatores não valorizados em uma formação biológica e demonstram que as interfaces entre linguagem e saúde podem estimular o desenvolvimento de múltiplas capacidades, considerando o paciente como um todo em seu contexto multissemiótico.

Com o título de *Migrantes Haitianos no Sul do Brasil: ideologias linguísticas em práticas linguísticas numa aula de português língua adicional*, o artigo de Cloris Torquato focaliza os novos fluxos migratórios, para tratar da complexidade sociolinguística no contexto atual de globalizações, sob a perspectiva do conceito de superdiversidade trazidos de autores como Vertovec e Blommaert com o intuito de refletir sobre processos sociolinguísticos implicados neste contexto de migração global. O objetivo da autora foi o de refletir sobre ideologias linguísticas num contexto multilíngue de ensino de língua portuguesa como língua adicional para migrantes em processo de migração recente, focalizando práticas linguísticas em que estão inseridos migrantes haitianos que trazem consigo distintos repertórios linguísticos. Seus resultados apontam para a complexidade das práticas multilíngues, uma vez que, segundo Torquato, enquanto algumas podem ser assimiladas/corroboradas, outras podem ser contestadas.

Intitulado *Políticas linguísticas: entre a moçambicanidade e a portugalidade*, o artigo de Ilídio Macaringue e Maria Elena Pires parte do pressuposto de que a diversidade linguística e

cultural do Moçambique, representada pelas línguas autóctones e seus falantes, foi invisibilizada no período da colonização portuguesa e no pós-independência como parte integrante dos esforços de dominação e governabilidade do território. Com base nesse pressuposto, o objetivo do artigo foi analisar como as políticas linguísticas de Moçambique foram construídas a partir da sua história e da colonização portuguesa até a independência nacional, formação e consolidação do Estado-Nação após a independência. A análise evidenciou a manutenção da língua do colonizador como um imperativo que visava gerar a ideia de pertencimento e de unir na diversidade, o que acabou por contribuir para a invisibilização da riqueza linguística e cultural proporcionada pelas línguas autóctones.

Em seguida apresentamos o artigo *Beijar, Verbo Intransitivo: Narrativas, Diversidades e Sexualidade na Formação de Professores de Línguas*, de Alexandre José Cadilhe e Ana Cláudia Peters Salgado. Esse artigo propõe um processo dialógico de reflexão de desafios lançados a partir de vivências de professores e pesquisadores que se ocupam com a formação de professores de línguas, seja de língua portuguesa, seja de línguas estrangeiras/inglês, em especial no campo do estágio supervisionado. Discute a formação de professores a partir de desafios propostos pela vida cotidiana com o objetivo de mostrar a importância de temas ausentes dos documentos oficiais estão muito presentes na vida escolar e mesmo fora dela. Defendem esses autores, nessa discussão, o espaço das narrativas; dos questionamentos; das críticas; da transdisciplinaridade; do olhar para as dinâmicas micropolíticas como modo de intervir na formação docente de forma sensível à diversidade social.

Também em relação à temática da formação de professores e construção de sentidos, apresentamos a discussão de Selma Silva Bezerra e Sergio Iffa. O artigo intitulado *'Eu queria ser um gringo bonito e inteligente': reflexões sobre colonialidade do ser em aulas de língua inglesa* traz discussão sobre os discursos de estudantes do 1º Ano do Ensino Médio com o intuito de investigar práticas languageiras situadas em contextos sociais específicos, a fim de compreender como a visão que construímos sobre nós mesmos e sobre os outros se realiza. O artigo finaliza com a seguinte pergunta: Diante da colonialidade do ser e do racismo epistêmico, o que nos cabe fazer se conscientes estamos das várias formas de opressão que nos afligem, agridem e nos minimizam como seres menos importantes, menos dignos e menos capazes? Uma das possibilidades de resposta apontada pela discussão do artigo seria propiciar aos

professores que estão em serviço e sem disponibilidade para fazer pesquisas ou leituras teóricas a participação em palestras (presenciais ou online) ou minicursos específicos de modo que os discursos de senso comum sejam desnaturalizados em favor de uma postura mais crítica e humanizada.

Em relação à temática ensino de línguas, temos o artigo de Marcia Paraquett, *Thinking (and doing) otherwise com a língua dos hermanos*. Neste texto a autora problematiza a representação em relação ao espanhol na pesquisa e nas políticas linguísticas do Brasil, trazendo à tona discursos e ações do Norte ou do Sul, entendidos como espaços de poder que nomeiam pessoas e línguas, com a finalidade de afirmar que o Espanhol não é uma língua homogênea e nem hegemônica. Baseada na interculturalidade e nas pesquisas em Linguística Aplicada afinadas com projetos decoloniais traz alguns resultados de pesquisas interculturais, tomando como referência dois aspectos que comprovam a forma de pensar (e fazer) de outro modo: o Espanhol como língua de imigrantes e de pessoas negras. Em sua discussão a autora questiona a representação do Espanhol como língua de brancos ou da Espanha, enfatizando que o espanhol pode ser a língua de pessoas que vivem na Espanha, é claro, mas também nas Américas, na Ásia e na África, ou seja, o espanhol como língua plural ocupante de vários espaços.

Ainda em relação a essa temática, o artigo de Simone Batista da Silva, *Transculturalidade no ensino de língua inglesa: metade de um sol amarelo na sala de aula da licenciatura* relata trabalho pedagógico realizado em turma de licenciatura em Letras – Português/Inglês de uma Universidade pública do Rio de Janeiro com proposta de incluir no currículo culturas anglófonas não-hegemônicas. As bases teóricas para o estudo foram a transculturalidade e a complexidade, marcadas pelo movimento entre culturas com proposta dialógica. No trabalho desenvolvido, os textos básicos foram o livro “Half of a yellow Sun”, publicado em 2006 pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, e a produção cinematográfica britânico-nigeriana, de 2013, adaptação da obra literária original. Dentre os resultados, a autora demonstrou mudança de perspectivas dos alunos quanto às culturas anglófonas de países não hegemônicos, em um movimento de ampliação de sua condição humana, para gerar atitudes revestidas pelo olhar transcultural de entender que estamos complexamente ligados às outras culturas dos diversos povos.

Continuando na temática de ensino de línguas adicionais, temos o *artigo “Ser Alemão de verdade”: Participação e construção de entendimentos em práticas multilíngues em aulas de alemão como língua adicional*, de Adriana Dalla Vecchia, Neiva Maria Jung e Rafael Petermann que se basearam em compreensões elaboradas a partir de uma Etnografia da Linguagem que acompanhou duas turmas de Língua Alemã, um 1.º e um 3.º ano do Ensino Médio, no período anterior ao exame de proficiência em língua alemã como língua adicional em um colégio privado situado em “uma colônia alemã” no interior do Paraná. Os autores se propõem a refletir sobre participação e usos da língua(gem) em construções situadas, articuladas com identidades e valores das línguas ou do que representam localmente. Trazem como resultados que os participantes, na fala-em-interação, utilizam o seu repertório para alcançarem entendimentos e avançarem em direção à proficiência esperada para que tenham um bom desempenho no exame de proficiência em língua alemã. A coconstrução de uma identidade relacionada a ser competente em Hochdeutsch reflete políticas linguísticas locais. Aprender Hochdeustsch é, nesse contexto, sinônimo de bom aluno, avanço no nível de proficiência e se relaciona com construção de identidade hegemônica translocal que indica, para esses alunos, mobilidade.

O artigo de Denise Scheyerl e Flávio Almeida dos Anjos é outro que versa sobre a necessidade de se repensar o ensino da língua inglesa na educação superior. Sob o título *A necessidade de políticas linguísticas para o ensino de inglês na educação superior no Brasil: uma breve reflexão à luz dos fatores logísticos*, o artigo tem o objetivo de mostrar como a dificuldade de aprendizagem dessa língua pode ser diagnosticada através de pesquisa educacional. À luz da Linguística Aplicada e da Pedagogia Crítica, os autores propõem raciocínio no sentido de compreender que a simples oferta da língua inglesa, com a mera presunção de inclusão, pode não trazer os resultados desejados, uma vez que para ofertar a língua inglesa é preciso planejar. Segundo os autores, quando esses fatores não são levados em consideração, os aprendizes reagem por meio de atitudes negativas, que podem impedir a aprendizagem. Essa situação, de algum modo, sinaliza a necessidade de políticas linguísticas que reorientem a logística de ensinar/aprender inglês. Desta forma, os resultados de pesquisa de cunho etnográfico desenvolvida evidenciaram atitudes negativas em relação a alguns fatores logísticos, no contexto de aprendizagem da língua inglesa. O texto está alinhado com os princípios da política

linguística, lançando luzes aos fatores logísticos como modo de alcançar resultados melhores na sala de aula de língua inglesa.

Ainda nessa direção de repensar o ensino de LE, Simone Tiemi Hashiguti, Cristiane Carvalho de Paula Brito, Giselly Tiago Ribeiro Amado, Isabella Zaiden Zara Fagundes e Fabiano Silvério Ribeiro Alves expõem, em *Thinking and doing otherwise with ELLA – a virtual laboratory for EFL learning*, como estão tentando traduzir sua perspectiva crítica sobre ensino de línguas na construção de um laboratório virtual para aprendizagem de língua inglesa, voltado, principalmente, para a prática de oralidade. O laboratório foi idealizado pela equipe no contexto de um curso de Letras Inglês a distância e com o objetivo de disponibilizar conteúdos e atividades para que os estudantes do curso possam estudar sozinhos, em seus horários, e com a ajuda de um sistema de inteligência artificial (IA). Ao longo do texto, os autores discutem a perspectiva crítica e decolonial à qual se filiam para produzir os conteúdos e para orientar a programação da IA, de forma que uma posição enunciativa crítica dos aprendizes possa vir a emergir, e de forma que possa ocorrer a tomada da palavra na língua estrangeira (LE). Conforme apontam, tomar a palavra em LE, conceito de Silvana Serrani, significa entrar no jogo discursivo da LE se autorizando a falar e compreendendo as relações de poder entre as posições discursivas. No contexto pós-colonial de países como o Brasil, tomar a palavra pode ser um desafio pela subalternidade imposta pelo mito monolíngue e monocultural construído ao longo dos séculos desde a colonização. Os autores descrevem alguns conteúdos do laboratório, que fazem visível a abordagem de problemas sociais de gênero, raça e discriminação, por exemplo, e explicam como objetivam que a IA funcione no laboratório como IA decolonial.

O artigo de Lilian Cristina Martins e Vera Wieliwicki – *(Des)alinhando a(o)s ponta(o)s de contato epistemológicos entre os estudos da tradução e dos letramentos na pós-modernidade* mostra que os estudos da tradução e dos letramentos são espectadores e, simultaneamente, protagonistas, das transições, crises e reformulações promovidas pela pós-modernidade. Tendo como objetivo analisar possíveis pontos de contatos epistemológicos entre as teorias de tradução e as de letramentos, levando em consideração essa ruptura paradigmática pós-moderna, as autoras se apoiam em uma perspectiva crítica dos estudos de letramentos e contestadora dos estudos da tradução para darem conta das novas demandas que (res)surgem no campo das ciências humanas. Em suas conclusões assumem que um ponto

de vista crítico e transformador, tanto das teorias da tradução em uma perspectiva pós-moderna, quanto dos letramentos, trazem para os sujeitos muitos pontos que se entrecruzam na descontinuidade, na fragmentação e na diferença em que os sujeitos significam e traduzem, não apenas a palavra, mas o mundo, pelas lentes da alteridade, da heterogeneidade e da pluralidade. Desta forma, destacam as autoras, perceber os processos de apropriação e transformação de sentidos, nas duas perspectivas, pode contribuir para a formação de um professor de línguas mais atento às funções sociais da linguagem.

O artigo *Competência e performatividade na formação de professores de inglês*, de Vanderlei José Zacchi, busca explorar como professores de inglês do ensino básico, em Sergipe, estão se relacionando com a diversidade em sala de aula e como estão lidando com o conhecimento prévio trazido pelo aluno, especialmente quanto ao manuseio das novas tecnologias digitais. A reflexão pretendida teve como base dados gerados por meio de questionários e entrevistas com professores em serviço e graduandos de um curso de Letras- Inglês com base nos conceitos de competência, performance e performatividade. Para o autor, falar em formação deve necessariamente levar em conta o fato de que essa é uma tarefa que envolve uma alta dose de incerteza, devido às constantes transformações que estão ocorrendo nos mais variados campos e que afetam a produção e disseminação de conhecimento. A partir dessa constatação o autor afirma ser fundamental uma formação de professores que os prepare para o incerto, o imprevisível e o inesperado.

Ainda dentro da mesma temática de ensino de línguas adicionais, mas no complexo contexto da (a)diversidade, temos o artigo *Por uma educação multimodal e pluralista: estratégias de ensino de Língua Inglesa para disléxicos com base em recursos visuais*, de Elerson Castaro Remundini e Vera Helena Gomes de Wielewicki. O sistema escolar, altamente marcado pela busca da homogeneização linguística e cultural, coloca às margens parte significativa de alunos provenientes de grupos sociais desprestigiados que fazem uso de repertórios linguísticos distanciados das práticas escolarizadas elitistas, como os alunos disléxicos. Os autores propõem como estratégia a utilização de imagens como complemento no ensino de inglês para disléxicos com foco na oralidade, mostrando com isso bons resultados alcançados nos instrumentos de avaliação. Ressaltam que seus resultados demonstraram que uma

pedagogia dos multiletramentos é promissora para alunos cuja habilidade da leitura está de alguma forma prejudicada, mas também para os que leem fluentemente.

Dando continuidade à discussão dessa temática, trazemos o artigo *“Gesto caseiro não faz parte da cultura surda”*: o cerceamento das línguas de sinais caseiras na educação bi/multilíngue de surdos, de Kate Mamhy Oliveira Kumada, Marilda do Couto Cavalcanti e Ivani Rodrigues Silva, que lança luzes em relação às (diversas) línguas que habitam o complexo contexto da educação de surdos. No artigo as autoras relatam as dificuldades de serem considerados bilíngues alunos surdos, principalmente quando não apresentam o domínio esperado na língua majoritária do país ou em uma língua de sinais convencional, ou seja, em situações que a comunicação ocorrer por meio de línguas de sinais caseiras. O objetivo das autoras foi problematizar esse cenário e discutir o cerceamento do uso das línguas de sinais caseiras na educação bi/multilíngue de surdos, a partir das representações de familiares de surdos e seus profissionais e estagiários surdos e ouvintes que frequentavam um programa de apoio escolar. A análise das representações dos participantes demonstrou o processo de descaracterização linguística dessa comunicação familiar, sendo as línguas de sinais caseiras descritas como um sistema linguístico restrito, prejudicial ao aprendizado das línguas já estabelecidas (português e Libras) e uma ameaça para a inclusão da pessoa surda em sua comunidade. As autoras rechaçam esses argumentos e acreditam que essas representações estão calcadas em um conceito estático de língua e precisam ser revistas, pois desconsideram a diversidade linguística e cultural da surdez e dificultam ainda mais a comunicação entre familiares ouvintes e seus filhos surdos, além de reforçar a marginalização do surdo dentro da escola e da sua própria comunidade.

A partir de um olhar etnográfico, o artigo *Protagonismo Local e Crítico no “Translinguajar de quatro moradoras de Alter do chão: uma etnografia na turística vila no Pará*, de Maria Inêz Probst Lucena e Silvia Cristina Barros de Souza Hall, apresenta um recorte de uma tese que discutiu práticas de linguagem cotidianas dos habitantes de Alter do Chão, uma vila balneária localizada no oeste do estado do Pará, Brasil. As autoras focalizaram o modo como a língua inglesa usada era apropriada pelas participantes na pequena vila turística, cenário essencialmente multilíngue e multicultural, mas onde a língua portuguesa mantém o status de língua oficial. O estudo mostra, a partir da etnografia, como quatro participantes se constituíam

por meio de falas localmente situadas em relação às suas interações multilíngues, negociando a comunicação e construindo significados situados em comunicações específicas e emergenciais. A análise dos dados, gerados principalmente pela observação participante, entrevistas e conversas informais, aponta para o modo como as participantes usavam todos os seus recursos linguísticos e semióticos para manter uma comunicação efetiva, mesclando línguas e evidenciando criatividade, crítica e protagonismo.

Continuando nessa mesma linha e fechando essa coletânea temos o artigo intitulado *Práticas de linguagem e saberes locais em contexto de fronteiras*. As autoras Maria Elena Pires Santos e Regina Coeli Machado e Silva focalizando o contexto escolar plurilíngue/pluricultural da Tríplice Fronteira Brasil/Paraguai/Argentina, se propuseram a apresentar uma experiência etnográfica vivenciada no “Projeto Memória”, de participação colaborativa, desenvolvida numa perspectiva interdisciplinar. Tiveram como finalidade reconstruir a história de formação do colégio e de um Bairro periférico, resultante do deslocamento de famílias de uma área de risco ambiental. A experiência evidenciou a importância de uma perspectiva culturalmente sensível na elaboração de um trabalho colaborativo entre professores da escola e da universidade, alunos do colégio e moradores do bairro.

Esperamos que as discussões aqui propostas possam colaborar para a ampliação de debates em torno da compreensão de que não há descontinuidade entre linguagem e sociedade, pois ambas são fundamentalmente centradas no contexto onde as pessoas vivem e agem.